

Gênero e Sexualidade para iniciantes

Gislene Oliveira Rodrigues

Universidade Federal de São Carlos (BRA)

Wagner Xavier de Camargo

Universidade Federal de São Carlos (BRA)

GARBACIK, Jaimee. *Gender & Sexuality for beginners*. Danbury: For Beginners LLC. 2013. 217 pp.

Gender & Sexuality for beginners é um livro comum a outros no formato, porém apresentado de modo distinto: é didático, traz incontáveis ilustrações e desenhos esquemáticos, é informativo e tem como objetivo ser uma introdução aos estudos de gênero e sexualidade para iniciantes na temática. Divide-se em 8 capítulos¹ e mais 3 anexos, denominados *looking forward* (olhando adiante), *resources* (recursos) e *timeline* (linha do tempo), além de uma bibliografia de apoio final.

¹ Os capítulos são assim apresentados: 1. A biologia do sexo e do gênero, 2. A construção histórica do gênero, 3. Feminismo, 4. Entendimento contemporâneo acerca do gênero, 5. Orientação sexual, 6. Ativismo gay e lésbico, 7. Teoria Queer, 8. Contexto e questões de pessoas trans [em tradução livre].

A leitura se torna muito fácil ao longo dos capítulos, particularmente para estudantes de graduação, pelo fato de a autora destacar, em quadros explicativos e decodificadores, os que, para ela, são os termos mais difíceis da temática, chamando a atenção de leitoras/es desavisadas/os. Os conceitos ali sistematizados pontuam um debate antropológico sobre gênero e sexualidade, além de focarem nas discussões em torno da criação de dado pensamento, de uma teoria ou categoria, da origem das discussões sobre a(s) mesma(s) e acerca de quem foi a/o autor/a. Esses quadros apresentados em *boxes* (caixas) funcionam quase como uma nota de rodapé, mas num formato longe daquele tradicional de pé de página – particularmente alguns foram importantes na leitura, como o que definiu *pessoas cisgêneras* (p. 13), o que explicou a lógica da linguagem neutra de gênero (p. 153) e o que esclareceu haver também a *transfobia* (aversão a pessoas transexuais), em curso na sociedade contemporânea – além da já generalizada e conhecida *homofobia* (p. 173).

Além disso, os desenhos e gravuras são detalhes interessantes, contribuindo bastante para o entendimento de temáticas complexas. Tais recursos destacam fatos, locais, pensadoras/es ou teóricas/os e mesmo gráficos e tabelas, que detalham, ironizam e contextualizam dados trazidos no corpo do texto. No capítulo 4, é interessante analisar vários desses gráficos e tabelas que explicam a desigualdade de gênero no mundo do trabalho e mostram como, mesmo em locais privilegiados para mulheres atuarem (a exemplo de Hollywood, como a autora cita), elas ainda ganham menos que os homens e têm menor destaque.

Ao fim de cada capítulo, há também uma página de história em quadrinhos, que dá o tom do que está por vir e ajuda leitoras/es a se conectarem com a temática em andamento. Esses elementos fazem com que a leitura fique ilustrada, aproximando-nos do conteúdo. Os quadrinhos contêm humor irônico e tom instrutivo – uma estratégia simples e que faz toda a diferença, pois atrai a atenção de jovens. Um exemplo importante no livro ocorre quando, no fim do capítulo de “orientação sexual”, a autora apresenta uma tirinha resumindo, em

poucos quadros e com balões, o movimento de liberação sexual ocorrido em Nova Iorque em 27 de junho de 1969. O seguinte capítulo, em consonância, recontará o percurso histórico e legal do “ativismo gay e lésbico” nos Estados Unidos.

Garbacik faz uso de uma vasta bibliografia, na qual autoras/es são citadas/os e algumas/ns serão destacadas/os pela importância de seus posicionamentos, como o conceito de *heterossexualidade compulsória* (RICH, 1999). Mas além de teóricas/os, ela se apoia em três eixos para construir seu argumento principal: *pensadoras/es e intelectuais, correntes do movimento feminista e correntes do movimento LGBT*. Seus argumentos não são abordados em ordem cronológica de acontecimentos históricos, mas, sim, seguindo a linha de um tema específico que vai ser contextualizado e historicizado, sustentado não somente pela teoria da época, mas igualmente pelo que ocorria no plano dos movimentos sociais e da militância feminista e/ou LGBT.

O livro chega a ter um tom de militância, mas diz muito do lugar de fala de alguém incomodada com pensamentos hegemônicos, binários, assentados em universais estabelecidos. Ela propõe pensar gênero e sexualidade em confluência com a corrente pós-estruturalista contemporânea, que problematiza a “identidade” e se atenta para as construções discursivas em torno do sexo e do gênero – aqui, nominalmente, destaca-se Judith Butler (2003) – afastando-se, assim, do debate datado até os anos 1980, no qual teóricas/os atrelavam os domínios do sexo biológico à natureza do ser, bem como o gênero à cultura que o envolvia².

Garbacik questiona nossos posicionamentos desde que começamos a pensar em gênero, algo que já se impõe antes mesmo do nascimento. A questão “é menino ou é menina?”, apesar de aparentemente simples, nos “encaixa” em

² Aqui vale uma nota destacando a importância do debate trazido em meados dos anos 1990 por Thomas Laqueur (2001), que argumentou que a própria categoria sexo foi uma construção elaborada/criada no século XVIII – referência que não aparece no livro.

apenas duas categorias possíveis e aloca universais sobre o que nos cerca: de brinquedos a roupas – passando por cores e adjetivações – e chegando a órgãos sexuais. A questão, para a autora, é que a biologia sempre nos impôs respostas e explicações generalizantes e totalizantes, que resumem esses fenômenos à genética dos cromossomos ou hormônios, elementos que entendemos, por motivos diversos, como intrínsecos ao nosso corpo.

Embora elabore bons argumentos sobre como “identidades” não estão ligadas a cromossomos (mas a dimensões políticas, econômicas, culturais, artísticas, científicas, etc., fatores que as constroem cultural e coletivamente), a autora, vez ou outra, volta a recorrer durante o livro às pautas biológicas, que nos mostram como podemos cair em armadilhas deterministas – na obra, por exemplo, são ressaltados os tamanhos de “cérebros femininos” e “cérebros masculinos” – num lapso reiterativo da antropologia física – e a “desordem médica de gênero” que afeta pessoas intersex (p. 162). Esse seria um ponto de crítica à sua narrativa, pois – se tomarmos em conta o fato de a identidade de gênero ser uma construção histórica de poder (FOUCAULT, 1985) – não é necessário recorrer a estudos biologicistas, que nos mostram frequentemente como o darwinismo, a ciência e a medicina corroboraram para nos fazer pensar anatômica e taxonomicamente, sustentando o patriarcado heterossexual e reforçando o binarismo de gênero.

Entretanto, ao problematizar o “mito biológico determinista”, Garbacik se fundamenta em muitas autoras feministas, como Simone de Beauvoir, Anne Fausto-Sterling, Sandra Harding, Margaret Mead, Judith Butler e outras, o que demonstra um amplo conhecimento teórico em pauta. E uma grande chave interpretativa que nos ajuda a desmobilizar nosso pensamento ocidental é o constructo de “matriz heterossexual”, que aparece no capítulo 7, que introduz Butler e apresenta a teoria *queer*. Apenas lembrando: Butler (2003) já argumentara que sempre fomos “lidos” com olhares de leitores masculinos, e esse é o modo que fomos construídos dentro de uma *matriz*

heterossexual masculinista, em que esse poder – sempre masculino – opera na construção de gênero e na separação em binários³.

A mulher constantemente é estudada em contraste com o homem a partir do que “falta” para alcançar o universal masculino, tomado como primeiro e inquestionável. Isso nos leva a pensar em um binarismo que traz o homem como *absoluto* e a mulher como *obsoleta*, que se estende a outro binário, a chave “heterossexual vs homossexual”, na qual a segunda parte desse binômio também é inferiorizada, pois o foco está sempre no hegemônico. É o que argumenta Foucault (1997) ao dizer que o saber é resultado de relações de poder, é um conhecimento construído e intencionado. Portanto, a matriz heterossexual seria uma imagem das instituições, das práticas, dos discursos de pessoas com poder, que aloca nas categorias “feminino” e “homossexual” uma posição de objetos e não de sujeitos.

Voltando à obra, a autora critica a arbitrariedade na escolha de “homem” e “mulher” para dividir as pessoas, pois defende que as categorias masculino e feminino são ultrapassadas para representar a pluralidade de outras experiências como a *queer*, dos transgêneros, intersex e andróginos – ela toca nesse ponto também no capítulo 7, com Butler explicando seus principais argumentos sobre a subversão da “identidade”. Para Garbacik, é uma crítica muito simplista dizer que as categorias masculino e feminino são inadequadas e que são falhas para nos descrever. O que ocorre é algo muito mais perverso, pois tais categorias não só marginalizam certos corpos, mas os colocam no que ela chama de “*in the cold*” (no gelo, tradução livre) – o que, na nossa visão, remeteria a mesma noção de corpos abjetos de Butler (2008), ou seja: corpos

³ Sobre esse aspecto a autora salientou em *Problemas de Gênero*: “uso o termo matriz heterossexual ao longo de todo o texto para designar a grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados” (BUTLER, 2003, p. 216). Ela ainda aponta que usou das noções de “contrato heterossexual”, de Monique Wittig, e de “heterossexualidade compulsória”, de Adrienne Rich, para construir o termo citado anteriormente. A ideia geral, segundo ela, é que para o modelo discursivo hegemônico de entendimento do gênero parte do pressuposto de que é preciso haver um sexo estável, um gênero estável e uma prática compulsória da heterossexualidade. Isso sustenta e torna “natural” a matriz heterossexual.

que não importam, que são ininteligíveis para a maioria da sociedade e não têm uma existência legítima; uma figura indistinta e sem conteúdo, algo que não se tornou real. Para Tanieli Rui (2012), a abjeção estaria muito além de não se enquadrar nos padrões sexuais e heteronormativos de uma sociedade, mas se alocaria no limiar do que não é descente, que causa estranhezas, constrangimentos e violências, que não devem se materializar.

É por essa razão que Garbacik se fundamenta bastante na luta dos movimentos sociais, lembrando sempre às/aos leitoras/es quais foram suas contribuições, pois eles tiveram que lidar com vários dos problemas que a autora contextualiza no livro (identidade, gênero, feminismo, sexualidade, machismo, patriarcado e outros). E se, em alguns momentos, a produção acadêmica é confluyente com a da militância; em outros, ela se choca com esta, e o mesmo ocorre dentro do próprio movimento social – como ocorre, por exemplo, com o movimento feminista quando a questão é concordar em trazer para a sua luta pautas de uma trans-mulher, ou M2F, *male to female* (HALBERSTAM, 2008), seja por medo de perda de conquistas ou por questionar objetivos primordiais. De outra parte, o mesmo acontece com o movimento LGBT, que muitas vezes é controverso em adotar pautas das políticas *queer*, visto que enxerga a questão do gênero como performance de um esvaziamento político⁴.

Talvez a autora pudesse trazer outros pensamentos importantes para o debate, como a metáfora do ciborgue de Donna Haraway (1991). Essa autora argumenta que, muitas vezes, é necessário fazer alianças (mesmo que precárias) para construir um ciborgue, um ser híbrido – portanto, também seria preciso confundir as fronteiras entre os movimentos feminista e LGBT e a produção acadêmica, a fim de formar bases sólidas para uma luta política engajada. A metáfora do ciborgue poderia ter sido um forte ponto de apoio no

⁴ Para uma discussão bastante interessante e atualizada sobre questões do movimento LGBT e as pautas ativistas *queer*, ver recente publicação de Leandro Colling (2015).

livro de Garbacik, já que – para ela – a sigla LGBTQIA (que engloba as lésbicas, gays, bissexuais, travestis, *queers*, intersex e assexuais) é o que melhor funciona como um guarda-chuva para abranger grupos minoritários e oprimidos – mesmo havendo aí pessoas que não se sentem representadas pelo temor político de inviabilizar ou desempoderar conquistas ou dar força para movimentos sociais contrários. Seria a sigla uma síntese do ciborgue, pois construiria, por meio de conexões parciais (com cada “letra” da sigla), um argumento político que daria forças para todos os lados conectados.

Embora, como Garbacik referencia, os movimentos sociais e as lutas históricas militantes sejam muito importantes, a autora deixa de lado, por vezes, discussões como raça e classe social – lacuna que exhibe o quanto essas categorias pesam no que se refere à exclusão de sujeitos. Talvez Garbacik, apesar da omissão, dê conta das angústias referentes a gênero e sexualidade de uma jovem estadunidense branca de classe média, mas não alcançará experiências de sujeitos como latinas/os e negras/os, em diferentes realidades sociais. Segundo Avtar Brah (2006), temos que tratar as categorias raça/classe como variáveis dependentes uma da outra, principalmente quando se trata de questões de opressão e ostracismo sociais. Os movimentos sociais muitas vezes divergem entre si e acabam excluindo pautas políticas importantes de seus debates por estarem calcados em um conhecimento branco, hegemônico e classicista. Em alguns momentos no texto, Garbacik deixou-se seguir pelo mesmo padrão que embasa o senso comum (norte-americano).

Apesar dessas pontuações, acreditamos que o livro cumpre sua proposta inicial: ser uma ferramenta ilustrada e inovadora para jovens estudantes (principalmente das Ciências Humanas) que estão se politizando e que não esperam (tampouco aceitam) regras impostas socialmente sobre o que é “ser homem” ou “ser mulher” – até mesmo propondo debates que contestam a normatividade de uma sociedade hegemonicamente branca, cisgênero, masculina e heterossexual (no caso, a sociedade americana, foco do livro). A obra pode ser usada sim como um instrumental político de informação, que dê

suporte para uma vasta discussão antropológica de gênero e sexualidade, mesmo (e particularmente) para estudantes brasileiras/os. Além de trazer dados históricos importantíssimos (como uma linha do tempo com as conquistas de direitos do movimento feminista e do LGBTQIA nos Estados Unidos, p. 185-192), o livro é escrito num inglês acessível, claro e sem muitos rebuscamentos.

Bibliografia

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Caderno Pagu*, Campinas, n. 26, jun., 2006: 329-376.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del 'sexo'*. 2. edición. Buenos Aires: Paidós. 2008.

_____. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

COLLING, Leandro. *Que os outros sejam o normal. Tensões entre movimento LGBT e ativismo queer*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia. 2015.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber I*. 8ª edição brasileira. Rio de Janeiro: Graal. 1985.

_____. A Vontade de Saber. In: FOUCALT, Michel. *Resumos dos cursos no Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997. p. 09-16.

HALBERSTAM, Judith. Una introducción a la masculinidad femenina. Masculinidad sin hombres, in: HALBERSTAM, Judith. *Masculinidad femenina*. Trad. Javier Sáez. Madrid: Egales, 2008. p. 23-66.

HARAWAY, Donna. A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century. In: HARAWAY, D. *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*. New York: Routledge, 1991. p.149-181.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relumê Dumará. 2001.

RICH, Adrienne. La heterosexualidad obligatoria y la existencia lesbiana. In: NAVARRO, M. STIMPSON, C. R. (Ed.). *Sexualidad, género y roles sexuales*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999. p. 159-211.

RUI, Taniele. *Corpos Abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack*. Tese de doutorado. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp. 2012.